

PEÇO A PALAVRA HUMANISMO E CULTURA

por DELFIM SANTOS

Se definirmos humanismo como processo de revelação do humano no homem, termos de concluir que não há cultura sem uma base humanista, que lhe sirva de suporte. Uma cultura que não tenha um conceito de humanismo a defender é uma cultura sem fundamento e uma cultura sem fundamento não merece ser chamada cultura.

Como fundamento de uma cultura não pode apenas ser apontado o número maior ou menor de nomes notáveis, que pertenceram ao passado. Teríamos, pelo menos, um círculo vicioso, porque cada um destes nomes só vale pelo conceito de humanismo em que se integrou e defendeu.

O fundamento de uma cultura tem sempre de ser prospectivo, e não apenas histórico, e é confissão que faz da história fundamento de cultura — ou seja o historicismo — é uma lamentável revelação de incultura. O fundamento de uma cultura, sendo absolutamente indispensável para lhe dar força, coesão e harmonia, não necessita de ser sempre o mesmo, como a perspectiva historicista pressupõe.

A história regista os valores que influenciaram e conformaram cada época, mas não pode transpor nem mesmo delles para outra época, sob pena de perder toda a eficiência imediata e cair no vício típico ao chamado moralismo sociológico, ou conjunto de fórmulas sem conteúdo e ressonância humana.

O historicismo que o fundamento da cultura no século XX não pode ser o mesmo da cultura do século XVI ou XVII. Há indícios seguros de que se tornou actual e necessária a problematização da nossa cultura nacional. Nunca, como hoje, se colocou com tanta acuidade a questão de saber quem somos, qual a essência da nossa estrutura como povo, e qual a finalidade nacional que o futuro nos reserva.

Depois de um período de esclarecimento do nosso passado, depois do balanço demorado à nossa admirável acção como povo, depois da análise longa e vigorosa do que fizemos, surge hoje a necessidade de, no domínio da cultura, comprovarmos as nossas capacidades para o mundo no qual se anuncia.

O passado condicional o futuro, e não o futuro esclarece o passado. Essa interdependência entre passado e futuro tem como mediadora a tradição. Mas a volta constante à tradição seria rotina. E o esquecimento constante do passado levaria à aventura. Rotina e aventura limitam o âmbito da vida histórica de um povo, e são os perigos mortais de que ora se afasta e ora se aproxima.

O sociólogo brasileiro, Gilberto Freyre, refere-se, na sua análise às nossas características como povo, ao espírito aventureiro e ao espírito rotineiro dos portugueses. O que se supõe inconciliável e contraditório surge nos nos mesmos patentes: o espírito de iniciativa e o gosto de conservação.

Só aqueles para quem a iniciativa é dentro da empresa irracional não sentem necessidade de rotina. Aquelles para quem a iniciativa e a aventura lhes custa, ou pode custar, a própria vida, exigem um momento de demora, de reflexão e contemplação sobre o já feito.

O gosto da rotina não é um mal absoluto, como também o não é, certamente, o gosto da aventura. O mal só surge quando se prolonga demasiado um ou outro, ou se pretende orientar a vida nacional exclusivamente por um ou por outro. Não pode haver vida social, ou mesmo individual, sem a conciliação da rotina e da aventura.

Esta conciliação atinge proporções diversas, que podem caracterizar os momentos históricos de um povo: predomínio da aventura com um mínimo de rotina; equilíbrio entre a rotina e a aventura; e predomínio da rotina sobre a aventura. Esta última situação é característica dos povos em decadência, isto é, dos povos cuja vitalidade não é suficiente para garantir a crença no mito do sentido epocal, que a política tem por missão propor para conseguir os seus desígnios temporais e dar continuidade ao povo como nação.

Há um conceito de humanismo apoiado na rotina, e um conceito de humanismo fundado na aventura, e

há, portanto, uma cultura orientada pela aventura e uma cultura orientada pela rotina. Esta última leva ao perigo historicista de pretender conformar os novos tempos a certas ideologias já sem vida; a outra é, pelo contrário, uma cultura de forma dinâmica, como sempre require a aventura. Um humanismo com eficiente sentido social terá de considerar ambos os aspectos, do modal que o espírito de aventura se apoie na rotina e, ao mesmo tempo, prepare novas rotas próprias à acção e ao encontro de novas aventuras e, possivelmente, de novas e mais fecundas rotinas.

O PROBLEMA DAS LÃS

(Continuação da página 1)

Admittimos a dificuldade de manter neste momento, sem uma ou outra excepção, esta regra sobre todas as lãs. Mas não nos parece também que seja esta a ocasião mais própria para encurrular um problema destes no reduto extremo das soluções desesperadas. E não podemos deixar de considerar solução desesperada aquela de que resultaria apenas um racionalismo — por maior que seja a perfeição atingida no sistema e sua aplicação. Isso seria uma decepção estranha e incongruente, no complexo panorama de responsabilidades e compromissos que pesam sobre a industria interessada.

A compra das matérias-primas é uma função activa, fundamental para o exercicio dum actividade, porque é essencial à sua vida.

A distribuição, medida que circunstâncias transitórias determinaram, significa para a industria uma attitude passiva, incompatível com os riscos, as responsabilidades e os deveres da profissão.

Não deixaremos portanto de insistir mais uma vez que a crise da laboração das fabricas só poderá resolver-se com a importação de lãs, em quantidade pelo menos igual à média do triénio de 1937 a 1939.

Com o abastecimento industrial reduzido a metade, e a laboração a menos de metade, pelo ritmo precário a que está submetida, este problema, que interessa não só a industria, mas vários sectores da actividade comercial, precisa de ser resolvido com urgência. Só uma relativa normalidade no abastecimento e na produção pode determinar a valorização justa das matérias-primas e dos tecidos, sem resistências nem excessos. Porque as resistências e os excessos, além de produzirem o descrédito das classes, contribuíram fatalmente para tornar mais demorado e complexo o ressurgimento industrial, que, depois de combater a influência das rotinas, terá de remediar os estragos duma crise, em que será difícil distinguir as responsabilidades dos homens e das circunstâncias.

Temos procurado traduzir, desapaixonadamente, opiniões baseadas no conhecimento directo deste problema, sobre o qual não pretendemos ter o exclusivo do acerto na interpretação e na resolução. Já La Bruyère dizia no seu «Discours sur

COMENTARIOS

O despacho exarado há dias pelo presidente da Câmara Municipal do Porto no processo dum funcionario acusado de falta de urbanidade para com o publico é um documento digno de registo e incondicional aplauso.

A Câmara, que foi criada para servir os municipios e não o contrario, afirma o sr. engenheiro Albano Sarmento para fundamentar as suas conclusões.

É presunção: «Os regulamentos têm de se cumprir; mas eles foram feitos não para dar a uns o prazer de incomodar os outros, mas para que os serviços estabelecidos para o bem de todos sejam realizados, dentro daquella justiça, harmonia e precisão que são condições essenciais da sua eficiencia.» Clara e sensata doutrina, lamentavelmente esquecida com demasiada frequencia!

A tal Escola de Boas Manieras, que em sempre começou a funcionar em Amara parece que ainda não deu os frutos necessários. São de todos os dias, agora, os protestos e as reclamações contra os funcionarios da Carris — excepção feita ao chefe de Estação, Praga de Brasil assistiu, entre indignação e surpresa, a mais lamentável das cenas: um passageiro agredido pelo condutor no electrico porque expressara em voz alta a sua indignação contra o tratamento usado para com os passageiros pelo guarda-freio. Todos que viajavam nesse electrico se solidarizaram com o referido passageiro e lhe manifestaram a mais decidida apoio. Mas juntou-se gente à volta do carro parado, houve gritos de senhora, nervosas, interrompeu-se a circulação. Em resultado uma cena lamentavel.

E isto vai sendo agora de todos os dias. Os condutores da Carris, à minima de aprenderem os seus deveres de urbanidade, ainda insultam os agredidos dos passageiros. Assim — onde irá tudo parar, Santo Deus!

Joaquim Paço de Azevedo e Costa Macedo, dois premiados este ano pelo secretariado de Propaganda Nacional, são homenageados hoje pelo grupo literario «Taboas Razes» com um banquete que se effectuara num Hotel da baixa. Ambos os escritores encuntrarão por perto a sua volta os seus admiradores e amigos a pretexto do recente recompensas officiaes a meritos que a critica, na dividida altura, sublinhou.

A viagem aos Estados Unidos pode considerar-se o prólogo da nova fase da guerra. Churchill e Roosevelt estão neste momento perante um grave problema: o de definir o seu proximo plano estratégico. Cabe-lhes a iniciativa e por isso as suas decisões determinarão — na medida em que os actos humanos podem fazê-lo — a futura marcha dos acontecimentos.

NA PRIMAVERA PARA OS SEUS PASSEIOS



UMA BICICLETA AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE Nº 73 A 9 V — LISBOA

SE É BELA... SEJA-O AINDA MAIS!



USE OS CREMES "CLIPERS"

Theophraste, que essa ideia sera a mais vã e a mais quimérica que o homem podia formar no seu espirito. Este pensamento bem precisa de ser conhecido e meditado.

CRÓNICA INTERNACIONAL

As grandes batalhas em perspectiva

A campanha da Tunisia está prestes a passar do domínio das actualidades ao da História. A testa de ponte germano-italiana em Africa está praticamente eliminada. O alto comando do Eixo conseguiu, até certo ponto, o seu objectivo, que era de retardar esse desfecho, embora haja motivos para crer que nas ultimas fases do assalto os acontecimentos se precipitaram, apresentando o termo da resistência. Assim, Bizerta, que é uma praça forte e onde, ainda há pouco tempo, o Eixo previa que os alemães ofereceriam tenaz resistência, caiu simultaneamente com Tunis, cidade desprovida de defesas terrestres. Só mais tarde se poderá saber se os destróieres italianos foram os primeiros a terem decido a uma errada avaliação do poder ofensivo dos Exercitos das Nações Unidas ou a um colapso das defesas vivificante do agravação do bloqueio.

O certo é que o Eixo conseguiu ganhar tempo. Mas convém notar que o tempo é material e não de elevado preço. Na primeira fase da guerra, por exemplo, os ingleses pagaram com uma serie de custosos reveses o tempo perdido na preparação dos armamentos durante a paz ficticia dos anos que precederam 1939. O preço que o Eixo pagou em Africa pelos meses que decorreram entre El-Alamein e a tomada de Bizerta foi também elevado: algumas centenas de milhares de soldados aniquilados ou mortos nas solidões da Libia e nas montanhas do Sueste da Tunisia, uma importante, fozelagem afundada no Mediterraneo Central e o sacrificio de elevado numero de aviões ante a superioridade das forças aereas anglo-americanas.

A viagem de Churchill

A viagem aos Estados Unidos pode considerar-se o prólogo da nova fase da guerra. Churchill e Roosevelt estão neste momento perante um grave problema: o de definir o seu proximo plano estratégico. Cabe-lhes a iniciativa e por isso as suas decisões determinarão — na medida em que os actos humanos podem fazê-lo — a futura marcha dos acontecimentos.

Sob as formulas cautelosas e comedidas dos comunicados officiaes desta reunião, a realidade que se oculta não é difícil de adivinhar. Churchill e Roosevelt vão dar balanço às suas disponibilidades e recursos. Computarão, antes de mais nada, o numero de navios mercantes que podem ser destinados às futuras operações.

Ficará o destino dos magníficos Exercitos britânicos e americanos que o fim da campanha da Tunisia deixa livre. Estudarão a utilização mais favorável das tropas francezas que estão a ser organizadas em Africa.

As forças navais no Mediterraneo

Que o Mediterraneo será um dos principais teatros de operação na nova fase da guerra, tudo parece indicá-lo. Nesse mar, as Nações Unidas têm a possibilidade de fazer afundar constantemente novos barcos mercantes, para substituir os que se vão perdendo no decurso da luta, e de regular a seu favor a redução das forças navais. Não se dá o mes-

mo com os países do Eixo, cuja capacidade de substituição é muito inferior e cujas forças navais só podem ser reforçadas por alguns submarinos que consigam iludir a vigilância no estreito de Gibraltar.

A circunstancia de se tratar dum mar fechado, cujas duas únicas entradas estão em poder da Grã-Bretanha, alquire nesta altura logo a seu valor, visto que permite no bloco anglo-americano transferir para ali forças que lhe assegurem um predomínio ainda maior do que aquele do que têm beneficiado até agora.

Um indicio dos acontecimentos que se preparam e a forma como os dois grupos beligerantes procuram lidar-se acerca das suas verdadeiras possibilidades navais. Os italianos manifestam que se preparam activamente os trabalhos para repar a flutuar os navios de guerra francezes afundados em Toulon. Por outro lado, os ingleses impõem silencio a um alorá que se propunha interpor o Governo sobre a situação da Esquadra franceza internada em Alessandria. Além disso, o coronel Knox, secretario de Estado da Marinha dos Estados Unidos, apressa-se a declarar que as forças navais americanas não participam no bloqueio à península do Cabo Bon, fazendo assim abstracção, pelo menos, das vedetas torpedeiras norte-americanas que outras notícias dizem estar a operar naquela região.

As outras frentes

Os restantes teatros de guerra atravessam também um período de espectralidade carregado de amonestações. As grandes concentrações e preparativos japoneses no arco insular do Norte da Australia ainda não há muito que tenham os estadistas mais responsáveis do Eixo deixado a prever uma proxima tentativa de invação nipônica. Nenhum acontecimento ocorreu, de então para cá, que visse alterar a perspectiva.

Na frente oriental os Japões colossos espalham-se e lucram-se. A palavra cabe por agora a situação, que dum lado a outra se mostra muito activa. É impossível prever de que lado vai partir a iniciativa das proximas batalhas. Mas a recente ataque aéreo a Rostov e a tenacidade com que tem sido defendida a testa de ponte do Kuban são pelo menos indicio de que o Cáucaso continua a figurar no numero dos objectivos do alto comando alemão.

As linhas alemãs

Entretanto, a Alemanha prepara-se para enfrentar o assalto pelo Occidente, que parece imminente. Da fronteira espanhola ao Mar do Norte, numa extensão de 2.799 quilómetros, a «Muralla do Atlantico» está a ser activamente reforçada. Segundo o semanário da Goebbels, «Das Reich», trabalham ali, há um mês, centenas de milhares de operários, dos quais apenas dez mil eram alemães. É fora de duvida que essas defesas devem ter hoje um alto grau de eficiencia. É impossível contar, que na costa meridional da Europa a defesa ostentará não esteja tão aperfeiçoada. O tempo pago no Tunisia por tão elevado preço só deve ter chegado para acudir ao mais instante.

Poderá concluir-se que a guerra entra agora na sua ultima fase? Creemos que não.

M. L. R.

«HUMANISMO E CULTURA»

Amanhã, sexta-feira, pelas 18 horas, no Centro Universitário de Lisboa da Mocidade Portuguesa, Praça das Flores, 51, effectua-se mais uma palestra da série «Cultura Nacional», falando o dr. Delfim Santos, professor da Faculdade de Letras, que desenvolveu o tema «Cultura e Humanismo».

PROF. WINFRIED WOLF

O pianista alemão professor Winfried Wolf, do Conservatório de Berlim e dos cursos de férias de Potsdam e Batsburg, é convidado do Conservatório Nacional, tem reger entre nós um curso especial de interpretação.

O prof. Wolf é apresentado ao corpo docente do Conservatório, depois de amanhã, às 15 horas, pelo dr. Ivo Cruz.

O leitor do «Diário Popular» está seguro contra acidentes pessoais na Companhia de Seguros Comercio e Industria